





PAULO MALÓ NA SUA QUINTA DAS LAPAS, PERTO DE COIMBRA, EM PORTUGAL

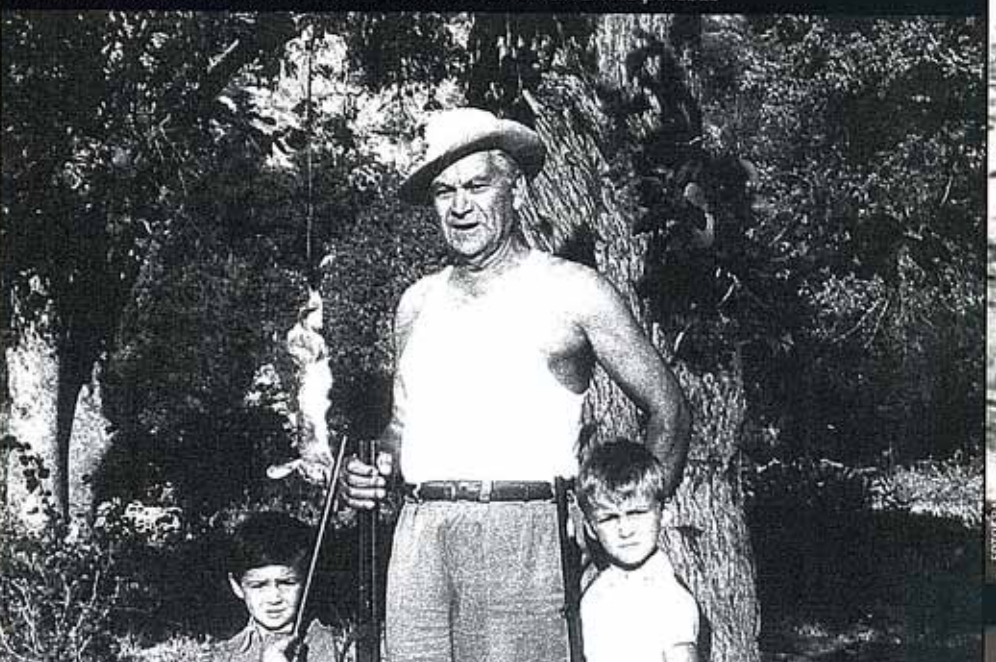
A MINHA ANGOLA

Paulo Maló, cirurgião dentista e dono de uma afamada cadeia de clínicas, conta neste texto o reencontro com a Angola onde nasceu. E explica por que quer voltar para construir

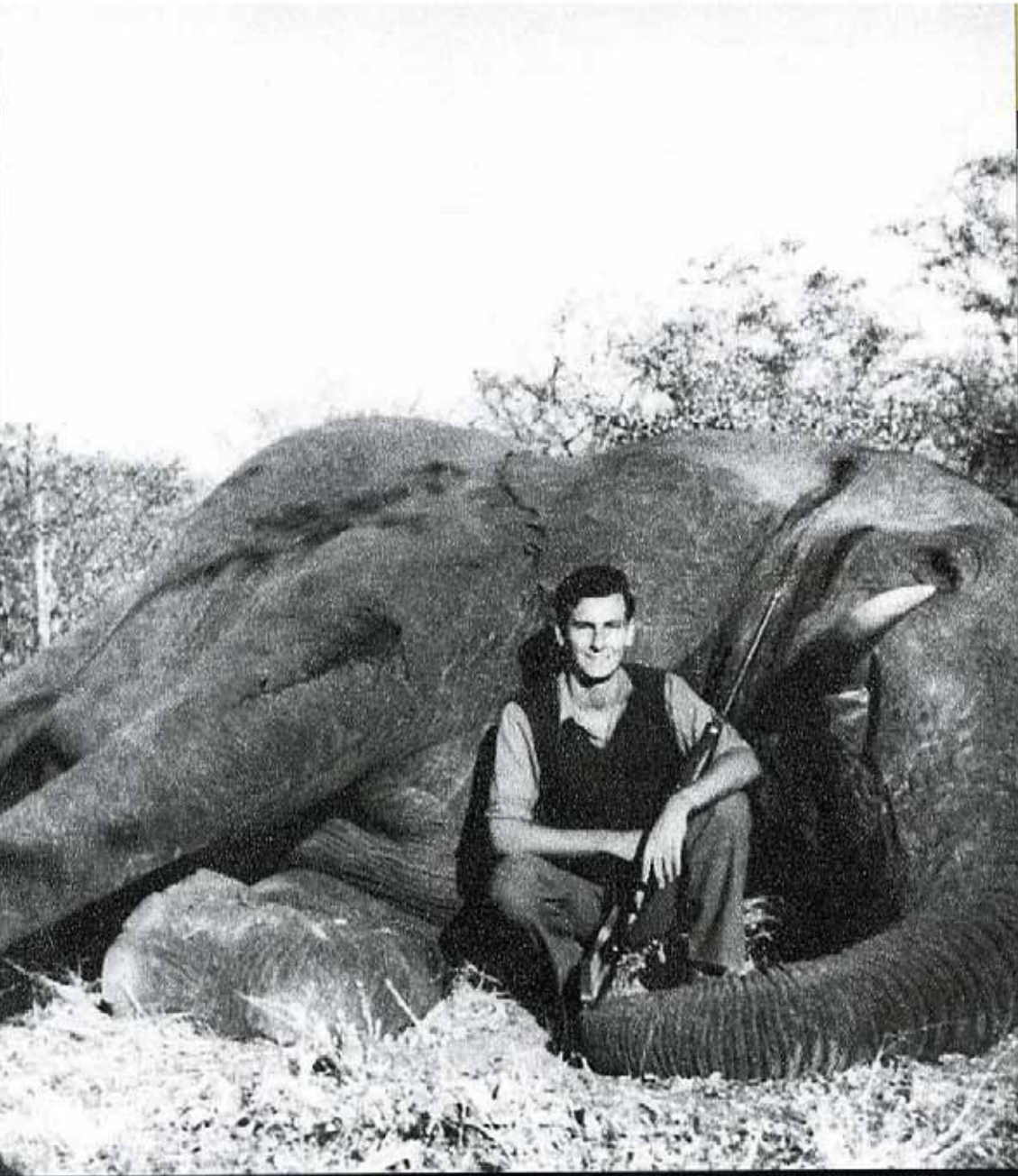
Texto de PAULO MALÓ

NASCI EM ANGOLA, numa pequena cidade chamada Moçâmedes, agora Namibe. Esta cidade banhada pelo oceano Atlântico está situada no deserto do Namibe, conhecido pela famosa planta *Welwitschia mirabilis*, que só existe nesta região do planeta. Os seus habitantes são chamados 'Cabeça de Pungo'. Do Namibe saíram homens e mulheres que se tornaram importantes no mundo das ciências, do desporto, da política, das artes, da moda e, imagino, em outras áreas que infelizmente desconheço. »

PAULO E O IRMÃO PEDRO COM O TIO, NOS TEMPOS DA INFÂNCIA EM MOÇÂMEDES



FOTOGRAFIA



MANUEL ALBERTO, O PAI DE PAULO, NOS TEMPOS DE CAÇADOR PROFISSIONAL, EM 1949

É quase inacreditável que de uma cidade tão pequena tenha saído toda esta gente.

O meu pai foi caçador profissional e um atleta distinguido no atletismo. Por 'ordem' da minha mãe, sedentarizou-se e tornou-se fazendeiro, criador de gado e mineiro. Para além de uma grande fazenda agrícola, tinha uma das maiores criações de gado bovino em Angola e duas minas de cobre.

A minha mãe era jogadora de basquete no Sporting de Moçâmedes, e mais tarde foi professora no liceu. Deste casal de angolanos, filhos de angola-

**O MEU PAITINHA
UMA GRANDE
FAZENDA, UMA
DAS MAIORES
CRIAÇÕES
DE GADO
DE ANGOLA
E DUAS MINAS
DE COBRE**

nos, nasceram três angolanzinhos, a minha irmã Alexandra, o meu irmão Pedro e eu, o mais velho.

Quando se deu a guerra civil tivemos que fugir e, após uma passagem por Portugal, fomos todos para a África do Sul, para a Cidade do Cabo, onde estudámos. Só em 1982 fomos para Portugal, onde nos estabelecemos até hoje.

Sendo angolano com muito orgulho, gostava de voltar para o meu país, mas por diversas razões nunca foi possível. Nos últimos anos tenho sido bombardeado com pedidos, 'exigências' e quase 'ameaças' para voltar para África. Decidi viajar até Angola para ver se estão reunidas as condições necessárias para estabelecer a minha actividade no país da ginguba,

terra vermelha e cheiro a mato. Desde 1975 não tinha voltado, passaram 35 anos.

Viajei com alguma inquietação, na expectativa de perceber se os meus genes iriam comandar o cérebro. A viagem na TAP foi durante a noite, e anunciaram que estávamos prestes a aterrar ao amanhecer. Olhei pela janela, que escolhi propositadamente para poder apreciar a minha terra, e senti um misto de saudade, esperança, euforia, missão cumprida e também tristeza.

No avião, o cheiro da terra

Sei que cientificamente houve uma descarga hormonal induzida pela interpretação visual da paisagem, que desbloqueou a informação gravada há 35 anos no meu cérebro, causando uma reacção emocional. Ainda no avião, senti o cheiro da terra e de imediato avivaram-se as memórias da minha juventude. Deixei-me levar por este estado quase de meditação, e por minutos, não sei quantos, viajei pela minha história angolana. É incrível o quanto esta terra me marcou!



A MÃE MARIA JÚLIA NO SPORTING DE MOÇÂMEDES, EM 19



PAULO EM MENINO, NUM CARRINHO DO EXÉRCITO A PEDAIS, EM 1963

Abruptamente, esta viagem termina quando o meu pai chega. Invadiu-me um sentimento de tristeza por não poder partilhar com ele este momento e especialmente por saber que ele não poderá voltar à terra que não só o viu nascer, como o tornou a maravilhosa pessoa que era. O meu pai faleceu há dois anos num misero quarto de um hospital público, vítima de infecção cruzada hospitalar, após ter sido submetido a uma cirurgia vascular de urgência que lhe salvara a vida. É no mínimo irónico! Sinto-me culpado por não o ter tirado de lá logo após a intervenção, mesmo contra as recomendações do meu colega médico.

**ATERRÁMOS
ANGOLA ENTRA
PELA PORTA
DO AVIÃO
COM SEU
CHEIRO
E CALOR.
VOLTEI A CASA!**

Aterrámos. Angola entra pela porta do avião com seu cheiro e calor. Voltei a casa! Entro no machimbombo que me leva ao protocolo. Várias pessoas cumprimentam-me, umas que conheço, outras que finjo reconhecer. Sigo para casa de um amigo no Musulo. O carinho com que todo o *staff* me trata, a sua amizade desinteressada e honesta, faz-me sentir realmente em casa. Este é o típico acolhimento angolano. Como é que este povo pacífico se envolveu e aguentou uma guerra civil fratricida e tão violenta?

As marcas ainda estão bem visíveis, tanto na sociedade como nas infraestruturas. Faltam quadros qualificados e falta quase tudo em termos de infraestruturas. É extraordinário. »



OS TRÊS IRMÃOS EM 1967: XANA AINDA BEBÉ



MARIA JÚLIA E OS TRÊS FILHOS EM 1975, ANO DA PARTIDA PARA PORTUGAL E ÁFRICA DO SUL

no entanto, o esforço que tem sido feito para melhorar, nomeadamente na construção e melhoramento de estradas, caminhos-de-ferro, portos, reordenamento da cidade de Luanda e melhoria das condições de segurança.

Com ajuda das receitas provenientes essencialmente do petróleo, Angola está a investir em infraestruturas essenciais para o seu desenvolvimento. Existem naturalmente problemas, sendo o mais grave a falta de recursos humanos qualificados e com boa formação ética.

Desafios angolanos

É aqui que Portugal pode ajudar, especialmente através dos angolanos que foram obrigados a sair do seu país devido à guerra civil, cidadãos de todas as idades, mesmo os jovens como eu, que tinha 12 anos quando saí, ou mais jovens, que se sentem angolanos e querem agora regressar. Educados na Europa, estes recursos humanos garantem alta qualidade técnica e elevada ética profissional, bem como excelente formação cívica.

Angola, como qualquer país com riqueza e com um crescimento muito rápido, é um ímã para vigaristas e mer-



PAULO E ALEXANDRA COM O PAI, EM 1976



CARNAVAL EM MOÇAMEDES, 1973



PAULO, ALEXANDRA E PEDRO EM 1975

cenários, só interessados em roubar o que puderem a qualquer custo. Um técnico europeu, não sendo uma garantia de incorruptibilidade, é sem dúvida a melhor aposta. Portugal, como país europeu, além de ter bons quadros técnicos com um bom nível cívico e ético, partilha a mesma língua e a mesma cultura. E tem milhares de angolanos que gostariam de regressar, especialmente agora, com o aumento do desemprego.

Angola tem que se conectar com a Europa por razões estratégicas, económicas e sociais. É o casamento perfeito! Em matéria de segurança, essencial à captação de emigrantes e ao retorno de angolanos, Angola é hoje um país mais seguro – mais seguro do que o Brasil, por exemplo. É essencial que os governos português e angolano trabalhem em conjunto para que voltemos a ser, de facto, países irmãos. Cabe aos governos e também aos empresários portugueses e angolanos serem mais agressivos na captação de bons recursos humanos portugueses e angolanos emigrados.

Durante a guerra, Angola perdeu todos os empresários e grupos empresariais com capacidade técnica e económica para desenvolver o país. Hoje,



ESTUDANTE NO LICEU CHRISTIAN BROTHERS, NA CIDADE DO CABO, EM 1977



QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA, 1981



NA SUA CLÍNICA DE LISBOA, 2010



existem vários empresários e grupos empresariais a dar os primeiros passos, essenciais para o desenvolvimento do país, e irão certamente surgir mais. Um país só consegue entrar num processo de crescimento com recurso a fortes grupos económicos, capazes de promover actividade económica em larga escala.

É essencial que estes grupos tenham uma visão construtiva e não simplesmente especulativa. A iniciativa destes grandes grupos prepara o caminho para as pequenas e médias empresas que começam a posicionar-se na região.

**NÃO QUERO
MACAS NEM
DESCULPAS.
QUERO REUNIR
PESSOAS
COM ESPÍRITO
GANHADOR
E CONSTRUIR
NO MEU PAÍS**

Tendo visto o que está a ser feito, não tenho a mínima dúvida de que Angola está no bom caminho. Quanto a mim, a decisão está tomada. Vou voltar para ajudar a construir.

Regresso com o espírito empreendedor e inovador que caracterizam o meu grupo empresarial e que nos conduziu ao sucesso como líderes mundiais na minha área. Não quero macas nem desculpas. Quero reunir pessoas descomplexadas e trabalhadoras e com espírito ganhador, para em equipa construirmos algo de importante no meu país.

Muchimba, o que tu me fazes! ●